

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

15 de Abril de 1863.

XV.

SUMMARIO.

	Page.		Page.
Agulha em palheiro, por CAMILLO CASTELLO BRANCO .	469	A Abelha, por M. REIS FOJO SEABRA	493
Verdade e sinqeiza, p r NINGUEM.	474	Sinhá, por MACHADO DE ASSIS.	495
O Tumulo, por BEINALDO CARLOS.	479	Dinheiro, por F. X. DE NOVAES.	496
Visita Imperial, p lo Dr. LUIZ DELFINO	484	Chronica, por MACHADO DE ASSIS	499

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.



O FUTURO

Agulha em palheiro.

(Continuação.)

III.

Aquelle dia e o seguinte passaram em indecisões do pai e do filho. Fernando esperava as ordens, sem ousar abrir um livro. A pobre mãe andava, d'um para outro, a negociar a reconciliação; ao marido dizia que Fernando não podia nem devia retroceder; ao filho prégava-lhe sermões de paciencia para tolerar os ditos dos companheiros de aula, e ter bastante vaidade de ser filho d'um operario honrado. O certo é que Maria, com os seus sermões, conseguiu revirar o animo do filho, a tal ponto que o moço olhou em si, e viu-se ridiculo por dar tamanho peso ás chufas dos condiscipulos.

O que mulher quer, Deus quer : é o titulo de um livro francez, que póde ser um proverbio em todas as linguas. Francisco Lourenço, com os seus assomos de louvavel dignidade, ia transtornando a carreira do filho, tão de longe pensada e afagada; ora, Maria Luciana, em termos brandos, com o imperio das lagrimas, com aquelle feminil despotismo, que tudo amolga e dobra, mais cedo do que devia esperar-se, reduzio o filho á razão e consciencia de verdadeiros brios.

Não contente ainda, levou Fernando a pedir perdão ao pai de o ter magoado com as suas vaidosas queixas, promettendo honrar-se em confessar por si mesmo, e com orgulho, o officio de seu pai.

Francisco Lourenço ressurgio do seu quebranto, chorou mais doces lagrimas, e perguntou a Fernando se elle queria ir logo para Coimbra, e concluir lá os estudos preparatorios

Fernando mostrou desejos de ir, e logo os satisfez.

Não comprehendia a mãe como podesse ir sosinho por esse mundo além, um menino de desesete annos! Queria acompanhal-o, estar lá algum mez a ordenar-lhe a casa, ou esquadrinhar familia que lh'o recebesse e tratasse. Fernando, já sciante do que era vida de estudante, dissuadio a mãe do seu proposito, e prometteu regular-se de modo que nem o desaconchego o molestasse, nem seus pais se arrependessem de o deixarem ir entregue a si mesmo.

Fernando tomou casa em Coimbra, e viveu sosinho, e arredado de todo o concurso de academicos. Esta soledade não era de genio nem gosto. Embora tivesse elle dito que se honraria de confessar cujo filho era, manda a minha fidelidade de historiador asseverar, que o moço se esquivava dos condiscipulos folgasãos para forrar-se á contrafeita honra de se aprégoar filho d'um sapateiro.

Poucos dias depois de sua estada em Coimbra, organisou-se o batalhão academico para ter parte na guerra da restauração. Fernando Gomes alistou-se sem licença de seu pai. A bandeira hasteada era a da liberdade. As doutrinas proclamadas eram as da igualdade. O filho do artista sympathisava com a causa, ventilada desde 1820. Ouvira desde criança citar os egregios nomes de Ferreira Borges e Fernandes Thomaz, arvores frondosas de civilisação, regadas com o sangue de Gomes Freire, e d'outros martyres iniciados da revolução. Execrava as forcas, hasteadas no Porto, tres annos antes, e em Lisboa para o supplicio dos academicos. Além de tudo, acorçoava-se do intimo rancor que votava a fidalgos, por ter sido victima dos escarneos d'elles nas aulas de Lisboa. Sobejava-lhe causa a justificar o enthusiasmo com que pediu uma espingarda, e, primeiro que nenhum se fardou, e impacientou com a demora da primeira batalha.

Maria Luciana, quando tal soube, quiz ir em cata do filho: o marido antecipou-a no intento, e foi a Coimbra. O batalhão academico ia já marchando caminho do Porto. Francisco Lourenço retrocedeu para Lisboa, cogitando em mandar soccorros a Fernando.

Devemos conjecturar sem receio de erro, que o desembarque do libertador no Mindello fóra saudado de todo o coração do amigo de Bocage. Francisco Lourenço, com quanto arredado da phalange dos poetas mortos ao começo deste século, embriagou-se no ambiente delles, e bebeu a sorvos a liberdade nos hymnos profeticos dos tímidos evangelisadores, que a não viram, senão ao longe na inundação sanguinea da França, e nas victorias de Bonaparte. Bocage devia de muitas vezes romper em apostrophes contra os frades, que o haviam amañado nos carceres da inquisição, e nos cubiculos conventuaes. Póde ser que o humilde amigo do poeta, em expansivas horas, merecesse a confidencia das amarguras que ennoitaram o melhor da vida do alquebrado espirito de Elmano. Se isto não bastasse a acrisolar o coração do homem do povo, quer-me parecer que o velho odio a José Agostinho de Macedo — energumeno panegyrista das forcas — bastaria a fazer delle um acerrimo malhado.

Em quanto a mim, Francisco Lourenço abençoára secretamente a deliberação de Fernando; e, se foi a Coimbra, o intento de tal ida por certo não era estorvar-lhe o ir onde o melhor da mocidade academica levava suas forças d'alma, e o prestigio da intelligência, com que muito se move e reanima a força material das massas. Póde ser que o artista levasse recheadas as algibeiras de peças para fornecer o moço, e preparal-o para as contingencias da emigração. Esta hypothese dá em

certeza, quando vemos Francisco Lourenço empenhado com uma casa mercantil inglesa para fazer chegar ás mãos do filho avultada quantia, que o moço recebeu com alegres hymnos á liberdade... e ao dinheiro tambem.

Fernando Gomes, em todos os recontros com o inimigo, deu provas de grande e imprudente coragem. Foi duas vezes ferido, e muitas vezes obrigado por disciplina, a retirar do fogo. N'aquellas vertigens de bravura, que tanto podem ser desprezo da vida, como culposa ambição de gloria, nenhuma consideração de obediencia o retinha em seu posto. Lá, os camaradas, denominavam-no o *pequeno diabo*, termos que se conformavam com a pequenez e magresa de seu corpo. O imperador já o conhecia de vista e de nome: muito fôra preciso para realçar entre tantos bravos, sahidos dos bancos escolares, e quasi todos a competirem em intrepidez com José Estevão Coelho de Magalhães, aquella vivida lampada que ainda hontem se apagou no altar da patria, se é que das cinzas d'elle a arvore da liberdade não tem sempre de haurir seiva para reflorescimentos novos.

Terminada a guerra nas provincias do norte, Fernando Gomes, condecorado com o habito da Torre e Espada, foi a Lisboa abraçar sua familia, e seguiu os passos do exercito que rebatia o assedio de Lisboa.

Depois da convenção de Evora-Monte, e de todo apaziguada a guerra civil, Fernando tornou para Coimbra a começar sua formatura em Direito.

Proclamada a igualdade, extinctos os privilegios, rotos os diques que estancavam as prerogativas das raças nobres, e derramado o thesouro das coisas boas á vida, por todos os homens indiscriminadamente, era de esperar que Fernando Gomes se desse por contente de ter nascido filho de um sapateiro, visto que o sapateiro ficava social e legalmente igualado ao titular. Assim tambem o esperava o, ha pouco, valente soldado das linhas do Porto, e o agora desvelado e distinctissimo soldado nas lides da intelligencia!

Sublime engano!

Os seus mesmos camaradas, quer invejosos da condecoração, quer da intelligencia, uns com outros celebravam sarcasticamente os triumphos do filho de mestre Francisco Lourenço. Os conterraneos, diziam que as suas melhores botas as deviam ao engenho do sapateiro-poeta da calçada do Sacramento; os provincianos, pela maior parte, oriundos de uns fidalgos de meia-tigella, como lá dizem uns dos outros, não apertavam, sem repugnancia, a mão de Fernando, nem se detinham a fallar com elle, quando podiam ser vistos e censurados pelos academicos de Lisboa.

Isto acontecia um anno depois da restauração dos direitos do homem! Trinta annos já rodaram sobre esse facto de ridiculas convenções, e o filho do sapateiro é ainda hoje, e o mesmo será d'aqui a cem annos, um conviva chamado pela lei a sentar-se á mesa universal, mas a lei é uma tola: lá está o fiscal destas universaes communhões,

que tranca os cancêllos do banquete, e diz ao filho do sapateiro o que já Horacio lhe dizia : *ne sutor ultra trepidam* ; ou *tractent fabrilis fabri*, que tudo quer dizer : « não se admittem sapateiros cá ».

Fernando recalcava em flagellador silencio o seu pesar. Nem mesmo a sua mãe se abria. Quando esta lhe perguntava que tratamento recebia dos seus condiscipulos, o academico respondia :

— Tratam-me bem.

— Os tempos mudaram,—acrescentava o pai.

— Mudaram ; os homens é que não—dizia Fernando ; e de salto aventava assumpto que desse córte na conversação penosa.

Proseguio o moço em sua formatura, e concluiu-a com ser premiado no ultimo anno, como em todos tinha sido.

Suppunha Francisco Lourenço que seu filho, notavel pelos serviços prestados á restauração e por seus premios, fosse chamado ás funcções da republica, sem que as elle solicitasse. Decorreram mezes, sem que o correio de algum ministro batesse á porta de Francisco Lourenço, a procurar da parte de seu amo o valente e intelligente bacharel.

O artista, deveras offendido de tamanha incuria, queixou-se disso ao filho. Fernando sorriu da boa fé de seu pai, e disse-lhe que estava sinceramente arrependido de não ter renunciado ao estudo, quando chegou a descer á loja para sentar-se entre os officiaes.

Este arrependimento, sincero ou não, desgostou o pai, e toldou-lhe o rosto de uma tristeza inconsolavel.

Fernando foi ao Cartacho, onde Francisco Lourenço tinha o melhor da sua livraria, comprada em nove annos com dispendiosa liberalidade de bibliómano. Como o local era triste, e a bibliotheca mui convidativa, o bacharel ali passou um anno, quasi só, raras vezes visitado por seus pais. Leu muito, leu tudo, e ardeu em desejos de ir ver os locaes descriptos nos livros de viagens, e os monumentos perpetuados na historia. Virgilio e Dante deram-lhe o amor ás ruínas da Italia, Byron ás da Grecia, Lamartine, Chateaubriand e Volney, ás do Oriente.

Pedio a seu pai moderados recursos para viajar dous ou tres annos. Francisco Lourenço, antes de o filho lh'os pedir, quizera offerecer-lh'os, pesaroso de o ver assim solitario, e receioso de algum funesto resultado em tão contumaz estudo. Deixal-o ir, porém, custava-lhe a vida ; e a extremosa mãe, quando era consultada a tal respeito, dava o seu parecer com lagrimas.

Aos rogos de Fernando nenhuma razão empeceram. Maria Luciana transigio com o assentimento do marido.

Os recursos pedidos eram muito inferiores á liberalidade com que o pai lhe estipulou o dispendio de dous annos, confiando-lhe afora isso, ordens de quantias indeterminadas. Tal confiança era bem cabida no moço, que durante a guerra e a formatura, cerceára ainda de suas mesadas economias com que comprava livros de recreio.

Sahi Fernando por França em direitura á Italia. Deteve-se em Roma alguns mezes, que lhe pareceram rapidos e deleitosos. Ninguem o conhecia; a ninguem procurava. Sosinho de ruina em ruina, vivia com o passado, e dava pouquissima de sua admiração ás grandesas do presente. Conversava com Ovidio em Sulmona, com Virgílio em Mantua, e com Horacio em Tibur. Deliciavam-no mais as ruinas do theatro de Marcellos que as pompas do Vaticano. Qualquer estatua mutilada, extrahida das excavações dos esboroados templos dos idolos, lhe tomava mais espirito e contemplação que as obras primas de Miguel Angelo.

Encontrava portuguezes emigrados n'aquellas paragens, onde D. Miguel de Bragança procurára hospitalidade, á sombra da theára pontifical. O ex-rei de Portugal, com quanto convisinhasse do Vigario de Christo, que tem as chaves do ceu, não sabemos se teve fome: as chronicas contemporaneas dizem que sim. O successor de S. Pedro de certo lhe emprestaria as chaves do ceu, se Sua Altesa quizesse para lá ir; as chaves, porém, de reaes celeiros e cofres, essas é que de certo lhe não emprestou. Os papas dão muito mais facilmente as ambrosias celestiaes, que umas sopas diarias aos principes proscriptos.

Não sei se Fernando Gomes pensava n'isto, quando via o Sr. D. Miguel de Bragança, e um emigrado portuguez lhe dizia que o rei não tivera com que comprar leite para o almoço d'aquelle dia. O emigrado que estas miudezas referia era um major Pacheco, que seguira o seu soberano, expontaneamente, desde o embarque até Roma. Casualmente o encontrára Fernando por lá escondido nos pardieiros de Roma dos cezares, ou meditando nas virtudes de Tito, ou nas cruasas de Nero. Qualquer das meditações frisaríam com o infante desterrado, que uns chamavam-lhe Tito, e Nero outros, posto que elle não fosse uma nem outra cousa: era apenas uma criança, quando rei; e um instrumento cego em mãos de togados infames, de prelados devassos, e de fidalgos estupidos. Desde que o raio forjado ao ardor da civilisação, e na bigorna mysteriosa do tempo, o fulminou a elle e aos seus, o filho de Bragança ficou sendo um desgraçado digno de respeito, de commiseração, e de real parentella mais compassiva e generosa.

Ora vejam em que ladeira eu ia escorregando agora! Ahi estava o meu pobre romance guindado a umas alturas de transcendental politica, donde, se lhe não acudo, o coitado vinha abaixo estostrar n'alguma estrondosa parvoçada! E tudo isto veio assim de seu natural por amor d'aquelle major Pacheco de Lobrigos que Fernando Gomes topou lá n'umas ruinas do Coliseu, ou cousa assim. E insisti neste ponto, por que eu conheci em Villa Real, ahi por 1847, este major, que voltára de Roma poucos mezes antes, e andava esmollando pelo Douro, com as suas barbas apostolicas, e grandes oculos de metal branco. Depois, tornei a vel-o, estendido na estrada que conduz de Villa Real a Chaves traspassado por duas espadas, e com a cabeça fendida até aos dentes. Fôra assim espedaçado pelas hostes do bravo conde de Vinhaes, que

mais acima mandou espingardear o general miguelista Mac-Donnel, a cujas ordens andava o major Pacheco.

E como quer que este ancião assim espostejado, e sepultado no adro d'um presbiterio contiguo á estrada, deixasse uma filha linda e pura como um anjo, e esta filha enlouquecesse de dor, escrevi eu nesses tempos uma elegia em prosa muito dorida, a qual publiquei no *Nacional* do Porto. E em tão má hora dei a lume este testemunho da minha compaixão por os dois infelizes que ambos jasiã mortos, e não sei qual delles mais cruelmente morto, em tão má hora digo, que se pude sahir vivo das garras dos sicarios, mui pouco catholico sou, em me não ter pesado a cêra, e converter esta cêra em cyrios, e adornar com estes cyrios o altar das liberdades patrias!

Agora é de mais!

(*Continúa.*)

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

VERDADE E SINGELEZA.

(Continuação.)

XII.

Um dia, que poderia ser o mais feliz d'uma alma afortunada, quanto mais da minha que tão lavada vae de lagrimas, deste desterro, levantei-me ao primeiro canto do gaturamo, e sahi com a minha companheira do matto, a clavina da caça.

A'quella hora nem o dia era completamente nascido, nem a noite expirara de todo. Levantavam-se do musgo das pedras, e das parasitas dos troncos, e iam trepando pelas arvores, vapores azulados e seccos, como na minha aldeia por madrugada de primavera, costumam subir da terra, camadas densas e pezadas de nevoa, que se erguem dos campos, e enroscam e sobem pelos outeiros e pelos montes, até se desfazerem ou confundirem com as nuvens, como tantas esperanças da vida.

Era uma formosa ante-manhã.

E eu internei-me na selva; desci a grutas e barrocaes, subi ladeiras e picadas, como quem procura com a fadiga do corpo, adormecer a inquietação do espirito.

Mas era embalde! Sentia em mim a força que vem da febre, e o pensamento escravo lá estava todo inteiro, que era o mesmo que lá estar a alma, o coração e tudo...

De toda a parte ouvia o farfalhar d'um vestido, o ranger de folhas seccas, o estalar da areia... Em tudo via os olhos, os cabellos, a imagem de Cecilia! Isto magoava e intrestecia. Era bom desenganar-me com outro engano; trocar uma illusão por outra illusão.

A mudança de mal é tantas vezes um bem! e em cousas do coração, se lhe não podeis dar venturas variae-lhe ao menos os pezares.

Nessa tribulação de espirito pensava eu que havia menor dor no sitio em que a vira a vez primeira. A saudade era ali sobresalto, e lá talvez que só fosse melancholia. O coração não se hade illudir tanto. Que chore a ausencia que o afflige, mas que fite bem o logar a que se sente preso; que seja como a esposa que desgasta com lagrimas, a pedra que pésa sobre o peito morto do esposo, mas do esposo que ali está, que ali dorme, que ali a espera...

E retrocedi. Atravessei ligeiro como o veado da esplanada, um largo rasgão, aberto entre dous morros, que levava ao alto onde vira Cecilia. Como os atalhos das devesas da minha terra, eu conhecia as veredas das florestas virgens.

A essa hora, já o mavioso sabiá, unico mas poderoso rival do rouxinol dos meus salgueiros, trinava nos braços dos cajueiros o hymno d'alvorada; já a erva-viva desamortalhava os galhos e reabria as folhas: já, enfim, d'essas mysteriosas flores que *dormem*, despertava a altiva rosa de Gericó e aprumava a hastea, desenrolava as folhas, e desnudava o seio para dar á luz, e ao dia, á abelha e ao beija-flor o que guardava durante a noite, das sombras e das trevas.

Era o nascimento do sol.

E a rede, lá estava presa aos troncos das palmeiras, mas vazia, como altar á espera do idolo. Não chegaria ainda? teria ido já? Eis as perguntas que me assaltavam á uma o espirito tímido, e me faziam bater apressado o coração.

Attento o ouvido, como o do indio das selvas, ou como o do encarcerado que no silencio da noite presente o vagaroso

escorregar da gotta d'agua pelas paredes escuras da prisão assim eu escutava o mais imperceptivel ruido de folhas, o mais esvaído zunir d'insecto.

Depois não sei de que tempo de espera, logo apoz ligeiro rumor de passos, entrava Cecilia na clareira e com longes de fatigada deitou-se na rede, como o escravo affrontado do trabalho se atira, para descansar e adormecer á sombra benéfica e fresca do cajueiro bravo.

Não me perguntem o que senti então. Um amor como este é igual em todos os pontos da terra. Nascido nos areaes abrasadores da Africa, nas serras de gelo do Norte, nas florestas sombrias do novo mundo; se é diverso em seus effeitos, o mesmo em seu principio, porque em toda a parte onde Deus poz um peito d'homem, creou ao pé um coração de mulher... porque em toda a parte onde ha mocidade, ha aspirações, ha a presciencia do amor, ha a ideia do bello.

Nem eu sei agora, se era timidez, se covardia, o que me impedia de ir beijar de joelhos a fimbria dos vestidos de Cecilia. De joelhos, disse, e de joelhos queria eu cahir aos pé d'aquella que se tornava a santa das orações do coração. Se o homem não viu na mulher, uma vez na vida, a imagem perfeita do anjo, esse homem nunca amou. Recorde-se.

E se eu levava a saudade da patria e da familia, a confundir-se, a perder-se na tristeza, e a fazer della um culto como não levaria o amor á altura da relegião?

XIII.

Os olhos negros da morena, não se prendiam então, nem aos arrufos, nem ás caricias do casal de rolas. Ora volviar vagarosos e incertos, dos leques das palmeiras para as floridas redes de cipós, ora meio cerrados, como em volupia doce pareciam, separados do mundo dos sentidos, convidar o coração á intimas confidencias. Aquelles olhos olhavam, mas não viam.

N'um magnetismo apparente mal lhe arfava o seio, e er volta dos labios de romã, esvoaça illudido um beija-flor, julgando-os botão de rosa...

De repente, feriu-me o ouvido attento, um ruido forte e rapido, como de ramos batendo uns contra os outros. E era. Olhei temeroso, e vi sem ser visto, uma formidavel onça negra de pintas amarellas, agachada no galh

corpulento de uma iberaba, cuja ramagem tocava nos leques d'uma das palmeiras, e apoiando as mãos nos dous braços em que o galho se bifurcava.

Tremi e tive medo. Eu costumado a surpreender a fera no seu antro, a provoca-la, a excita-la, a vence-la, senti apertar-se-me o coração no peito, e o corpo vergar frio como o d'um cadaver, trémulo como uma flecha.

E Cecilia de olhos fechados como a innocencia, incauta como a creança que sorrindo apanha flôres na boca do abysmo, povoava talvez seu virgem coração das doces imagens que copiava do ceu...

A onça parecendo antegostar o prazer do sangue, cravára os olhos vitreos e feroses sobre a descuidosa victima, e afiava as garras descarnando a casca, e sulcando as fibras da madeira.

Em seguida começou a encolher-se, a retrahir-se, a irriçar o pello, a arregalar e voltear os olhos, a contrahir o beico superior, e a ensaiar o bote em pequenas oscilações...

— E se a clavina falhar? — interrogou-me o medo: — abraço-me com a fera, e Cecilia salva-se, respondeu o coração..

Metti a arma á cara.

Lembra-me que a apertei como o naufrago deve apertar o cabo que o vai conduzir á praia.

Neste instante o feroz animal fincou-se nos pès, e atirou-se em cheio sobre a rede. Desfechei... A minha fiel companheira não me abandonára no grande momento. A bala ferira mortalmente a fera, que em meio de sua fatal parabola, cahiu a prumo, soltando um rugido soturno, salpicando de sangue os vestidos de Cecilia, e cravando as garras já impotentes nas mimosas franjas da rêde.

A pobre moça despertando immediatamente com o estampido do tiro, desparado sobre sua cabeça, e vendo sangue em seus vestidos, e ouvindo ali ao pé o rugir cavo da onça que se colleava em violentissimas e derradeiras contorsões; exhalando um — ai — pungente, e atirando-se fóra da rêde, como impellida pela força occulta de uma pilha galvanica, foi cahir entre a relva, a dous passos de distancia, com os olhos fechados, e as mãos crusadas sobre o seio, mas branca como a penugem branca do espinheiro silvestre.

Toda esta scena de cruel recordação, se passou rápida, como nesta natureza, nas formidaveis trovoadas de fevereiro, rasga rapido no espaço uma estrada de fogo, o raio exterminador.

Quando me aproximei de Cecilia para a socorrer e chamar á vida que parecia suspensa n'aquelle corpo franzino, appareceu armado de faca de mato o escravo que já uma vez tinha visto, e que ali fôra attrahido pelo fragor do tiro. O negro attonito, pasmado, parecia interrogar em silencio a causa do que via. Apontei-lhe para a onça já exangue e fria.

— E minha senhora ? perguntou o escravo.

— Está salva.

O homem que era escravo d'outro homem, foi com os olhos rasos d'agua, cahir de joelhos aos pés de Cecilia.

— Que aconteceu ? que sonho mau foi este ? perguntou ella esfregando os olhos, e desviando os cabellos da testa.

— E' a onça negra que veio do mato, para roubar minha senhora, e este senhor moço branco, matou a onça, e minha senhora ficou salva.

— Cecilia, em pé, apoiada ao hombro do escravo, encarou a fera com pavor, e voltando depois para os meus os seus olhos admiraveis, cheios de gratidão e timidez, estendeu-me a mão, suavemente, naturalmente, como se não fosse aquella a primeira vez que o fizesse.

Não me deixou o coração, que eu sentia encher-me o peito, apertar só entre as minhas, aquella mão mimosa e fria. Levei-a aos labios, e imprimi-lhe um beijo longo, que se era todo de agradecimento e respeito, era tambem todo de amor e adoração. Cecilia não retirou a mão, mas abaixou os olhos.

— Obrigada, senhor, disse ella ; expoz-se á morte para me salvar a vida ! E eu que queria tanto a este retiro, sem saber porque ! nem me lembrava que havia perigo..

— E não havia. Um homem vem ha muito tempo occultar-se detraz d'aquella arvore, e o peito desse homem onde bate um coração que soffre por que ama, seria barreira ao perigo, defesa á innocencia.

— Um homem ! exclamou Cecilia.

— Sim, senhora, um homem que ama com toda a força d'um coração moço... d'uma alma ardente ! Um homem que nesta idade das esperanças, daria alegre a vida por uma

lágrima ou um sorriso do anjo que se fez mulher; e esse homem sou eu, e esse anjo ..

Dobraram-se-me os joelhos. Era o amor levado á maxima altura da adoração

Se chamaes humilhação a isto, e vêdes aqui cousa que vos envergonha, homens da civilisação, ponde o livro de banda, e ide reacender e cevar o vosso amor, que offende e faz corar, na espadua nua da mulher do baile.

Cecilia respondeu com um leve aperto de mão, e com um ainda mais ligeiro estremecimento de corpo, áquellas palavras que sahindo do coração o alliviaram tanto, como se de lá lhe descravassem setta que o varasse.

A final, depois de curto silencio, Cecilia disse estas palavras :

— Apoz uma impressão tão grande, poupe-me a outra ainda maior. Sou fraca, porque sou mulher... Venha comigo : meu pai hade desejar agradecer-lhe por ter salvado sua filha, e minha mãe hade abraça-lo, porque ella teria morrido de dôr, se aquelle tigre me matasse. E depois, continuou ella com visivel commoção e tremor de voz; não se esqueça de mim ..

— Esquecer-te.

(*Continúa*)

NINGUEM.

O TUMULO.

Meu caro Novaes.

Pedis-te-me algumas paginas para o teu periodico. Desejava ser o teu mais assiduo collaborador; a fantazia nega-me essa ventura. Já que não acho ideias elevadas, nem imagens risonhas, que possam ser uteis á arte, quero ao

menos contribuir com o trabalho alheio. Envio-te uma elegia, — a effusão de um coração dolorido a um companheiro de infortunio. Escreveu-a um joven, d'esses que nasceram para contraste d'este seculo materialista, e que o seculo devora com suas doutrinas barbaras. Pobre fantazia de poeta, que julgava poder luctar com a resignação contra as decepções mais cruéis!

Sempre sorrindo ás dôres, embriagando-se de prazeres faceis, sentiu a doença devorar-lhe os pulmões, e não creu nunca a ultima hora chegada. Passava de cabeça alta e sorriso affectuoso por entre aquelles que o assassinaram, e nem um queixume lhe revelou o martyrio. Hoje descansa longe dos que amou. Nem ao menos teve lagrimas posthumas, nem saudades abençoaram o seu tumulo. Não sabia o misero, que para aquellas almas venaes só havia uma grandeza moral, — a força e a energia da vingança.

Tinha todas as glorias ante si, e todas despresou.

Venceu o destino, por que não fez uso de nenhum dos nobres doctes que o ceu lhe dera; elle tão resignado para com os homens, foi impassivel e inexoravel para com a providencia. Negára-lhe esta a ventura do coração, e elle destruiu em si um instrumento do poder invisivel. Ha alguma grandeza n'este emprego do livre arbitrio: saber conter-se ante os attractivos da vaidade, é um grande esforço moral.

Não alterei a menor ideia de sua epistola. Tirei-lhe apenas a nudez do estylo familiar. Sentem-se bem, attravez d'aquellas exterioridades da arte, as dôres pungentes de um soffrimento real. Se as occupações de uma vida laboriosa me permittirem continuar a corrigir os seus escriptos, talvez te envie mais algumas paginas intimas d'aquella vida excepcional. Poucos leitores o saberão apreciar; — mas é exactamente para estas almas elevadas que de preferencia escrevo, e julgar-me-hei bem recompensado se ellas derem applausos á memoria de quem tanto estimei.

Estes *poetas ignorados* tem o encanto das existencias mysteriosas. São vidas excepcionaes, que não entram nos calculos da providencia, e portanto não se abaixam tambem até ao lodo das convenções sociaes.

Eu admiro-os, e sinto não poder imital-os.

ELEGIA.

Aimer, prier, chanter, voila toute ma vie.
 Mortels, de tous ces biens qu'ici bas l'homme envie,
 A l'heure des adieux je ne regrette rien ;
 Rien, que l'ardent soupir que vers le ciel s'élance,
 L'extase de la lyre ! ou l'amoureux silence
 D'un cœur pressé contre le mien.

LAMARTINE.

Vem, caro amigo ; a noite está triste e tenebrosa ; além bate o mar desenfreado na praia erma, aqui sopra a tempestade nos ramos desfolhados das arvores.

Cazemos as dores que nos pungem o peito. Para ti não ha futuro o meu está também encerrado. Para ti não ha nuvens brancas no ceu, flores da primavera na terra, suspiros da viração nos ares : igual mudez tem para mim a natureza. Une as minhas lagrimas ás tuas ; — não é conforto o que te offereço, — é a fraternidade da dôr.

Oh mocidade, dias saudosos da crença, inspirações do coração inexperiente, orvalho da madrugada, tu passaste para nós !

Eu não te amaldiço-o, virgem dos primeiros amores, imagem santa, que povoas-te os meus dias da juventude. Comtigo, imagem ideal, vivi os annos fantaziados do porvir. Comtigo ornei de gloria a frente, e de venturas o estio da vida. Dei-te os beijos ardentes da paixão, as palavras eloquentes da poesia, os gozos puros do amor partilhado. Deixaste-me ; és de outro ; eu te abenço-o ainda. Irei procurando pela poeira dos bosques o trilhão de teus passos, e beijarei esses vestigios da tua passagem.... oh ! querida imagem immaculada, hoje imagem pallida e sem brilho !

Não soffras só, amigo. Se o teu coração é nobre e fraco, o meu é também susceptivel, mas forte. Sentes estas mãos ardentes, que transudam a febre, — sentes este coração dilacerado, que geme no peito ? Revelem-te estes indicios o que a resignação exterior occulta. Não ha alegrias em quem é voctado á morte prematura ; não ha esquecimento para quem vê no tumulo uma promessa, e uma promessa que nos encanta com seu triste sorriso. Mas sê forte, como eu. Perdoa sem amaldiçoar ; esquece ás vistas do corpo, para lembrar com

mais força áos olhos da alma. Sê grande na resignação, para gosar mais na profundidade do soffrimento.

Como tu, eu vi desfolhar todas as rosas do porvir. Assisti, sem tremer, á morte de todas as esperanças. Vi, a desillusão evidenciar-se no positivismo dos factos, e nem uma lagrima sequer me assomou aos olhos. Atirei para longe com a ambição, com os sonhos brilhantes da gloria, com todos os nobres estímulos do espirito. Desfiz em uma noute toda a trama de ouro que a mocidade borda para satisfação do coração amado. Vi a amizade mais íntima, a fraternidade do espirito, os cúmplices de affectos e de ideias, tornarem-se algozes dos meus sonhos, e não lhes retirei a mão offendida. Ha tanta força nas fraquezas da nossa sociedade egoista... é tão difficil aos que calculam, guiarem-se pelo coração, que seria mister julgar cada amigo um heroe, para contar que nunca devesse ser fraco ante as seducções do interesse !

Promettera nunca mais escrever a linguagem da poesia, e escrevo-a ainda. Não te peço perdão por este perjurio do affecto, porque sabes que a isso me leva um outro affecto igualmente forte. A ti, meu irmão no soffrimento, vim dizer-te o que nunca diria ao mundo indifferente e escarneckedor. Quiz abraçar-te n'esta intimidade da desgraça, porque sabia, que só uma dôr igual, pôde entender um grande infortunio.

Fallaste-me de morte, da extincção do soffrimento pela intervenção da vontade. Não ha heroismo n'esse acto violento. Ha mais elevação em encarar, sem friesa, nem delirio, toda a extensão da desgraça. Apascentam-se os olhos na desolação d'esse deserto, que ante nós se estende. Quanto mais longos são os annos do outomno, quantos mais dias sem sol, quantas mais noutes sem luar ha para nós a percorrer, mais se nos sublima a dôr. Rimos para o mundo, que nos crê sinceramente materialistas, ou voluptuosamente indifferentes, e tragamos lentamente o fel da taça esverdeada pelo veneno.

Vai mais longe o goso do infortunio. Aquella que amavamos, por quem déramos a vida, por quem nos arriscariamos ao martyrio, ao exilio, ao pão da indigencia, vive nos braços de outro, affaga-o á nossa vista, embalsa-ma-o com seus sorrisos, euebria-o com seus beijos: não devemos fugir ao espectáculo. Acompanhe-mos risonhos, glaciaes, com a curiosidade do martyrio todos esses perjurios do ente fementido. Não para esperar que elle nos devolva o affecto, porque

affectos d'essas almas pisam-se e repellem-se, — mas para mostrar-lhe que em face de sua fraquesa, ha um coração maior ; que sabemos medir toda a extensão da sua baixesa, com a impassibilidade da nossa espectação.

Depois, crê-me amigo, — vem o tumulo, com toda a prematuridade dos dias que valem annos, das noutes que valem seculos. Não é longa a estrada, quando o silvido agudo da locomotiva nos arrebatá para o horisonte negro. Bem cedo as folhas pendentes da arvore das campas, vergarão sobre a pedra liza que deve conter o teu nome. Bem cedo, os amigos que te amaram, irão nos dias de primavera ajoelhar-se junto d'essa pedra que lhes lembra os festins da mocidade. O pó do seculo não terá consumido ainda todas as glorias vans, condemnadas ao esquecimento, e já teus cantos ardentes de amor, viverão para a posteridade. Ha tanto enlevo nessa esperança do dia eterno, em que nos reuniremos n'outra mansão mais placida ! Ha tantos entes queridos que nos esperam, nas bordas d'aquelle oceano de luz, e já abrem os braços para consolar-nos !

Amemos no passado, amigo. A tua e a minha imagem ideal não morreram, não nos trahiram ; vivem onde sempre viveram, porque nunca existiram. Querias pedir ao barro terreno e fragil da mulher real, os affectos das almas celestes ? Querias encontrar em um ente fraco e imperfeito, a integridade do affecto que só pertence ao genio varonil ? Seria loucura ; és incapaz de pensal-o seriamente.

Ha na saudade do passado todo o encanto do outomno da vida. E' o tumulo de nossas illusões ; mas tumulo que guarda vivas todas as creações de nossa imaginação. Ajoelhe-mos ante elle, e esperemos por outro tumulo mais solitario : envolta a nós hão de haver sempre bastantes recordações para arrancarnos lagrimas. As lagrimas são perolas que enriquecem o infortunio. (L. de V.)

Vassouras, 30 de Março de 1863.

REINALDO CARLOS.

VISITA IMPERIAL

Ao estabelecimento de optica de José Maria dos Reis.

(Continuação.)

—

XII.

Uma cathedral é um llvro : é a historia de um povo, o seu gemido, a sua lagrima, o seu riso, o seu canção, a sua noute, o seu dia, o seu coração a sua intelligência, o seu braço, a sua esperança, a sua fé, a sua religião, e tambem as suas abusões tudo transformado em pedra.

Sim ! aquelle monumento é umá grande epopéa : lê-se em cada pedra uma estrophe. em cada estrophe a inspiração, que a alentou, deu-lhe vida, e molde eviterno. As gerações forão passando ; e ouvia-se sempre o bater do alvião na pedra, e o braço a erguer o camartello e o camartello cahir sobre o ferro, e o ferro cahir sobre a pedra, e a pedra ceder a custo os pedaços de granito que devião ser lettras do pomposo poema.

O sol percorria a orbita celeste desencadeando torrentes de luz abrasadora sobre a fronte do operario, que não se lembrava senão, que tinha o malho na mão, o canção no peito, a fome no epigastro ; e a mulher e os filhos no colmal da miseria. Levantava-se para bater a pedra ; deitava-se depois de a ter batido ; tornava-se a erguer para rebatel-a... elle o escravo da miseria, amarrado ao grilhão do rochedo atado aos pés, como um cêpo enorme, impossivel de quebrar ou de erguer.

Sim aquillo é grandioso : é sublime ; maravilha a razão, arrouba os sentidos, nobilita o povo, engrandece a historia, rumoreja ao longe, arrasta os felizes e poderosos da terra ao sopé de suas regias magnificencias. Rio de sangue humano vem ali esbater, ferver, e bolhar naquelle potente tropheu de esforço e ousadia.

Vamos ver os homens de fé, que batalharam tal feito. Não se devem medir pelas proporções dos outros homens, Onde estão os gigantes ? vestem purpuras ? dormem sob o docel dos seus paços ? São felizes ? e viram atravez disto tudo as grandezas de Deus ?

Mas quem é aquelle homem, a larga fronte despovoada de cabellos, coberto de terra e cinza, dobrado o dorso, a mão callosa e negra, o olhar merencorio e quasi lagrimoso, em vasto salão de taboas, no humido pavimento terreo, de pé a bater, a bater, a bater sobre a incude a lamina de ferro encendido? — Não é ninguem. Fez as traves do templo: fundiu os braços de ferro, que firmam os muros colossaes, bateu gonzos, escreveu algumas estrophes do poema, que nunca teve tempo de ler, e morre de trabalho e miseria, maldizendo a sociedade, e perguntando a Deus, que mal lhe tinha feito antes de nascer, para o condemnar á vida!

Ide assim por diante. Visitae o lenhador, que derrubou o madeiro para a voluta e o columnelo, a architrave e o abaco, a trave e o pavimento: Ide ao alvanel, que amassou a argilla, e a ajustou ao seixo: ide a todos os rapsodes da grande epopéa: ve-lo-heis definhados na miseria, fanaticos e ignorantes, dando todos os annos porcentagem de victimas aos ergastulos.

Ahi tendes os gigantes.

Aquella obra refulgente e magnifica foi um peccado de luxuria da religião.

XIII.

A soberba de um rei, a grandeza de um pontifice, a vaidade de um tyramnete obraram esses prodigios.

Aonde se assoberba o Kremlin, aonde suspenderam ao vento a cupola de S. Pedro, aonde em rithmo variegado e gigantesco eternisaram os feitos de uma batalha, aonde o colosso d'Alhambra envolto em seu voluptuoso e rendado manto de pedra, coberto de chuveiro scintillante de agulhas, corôa-se da magestade dos annos, e do prestigio dos seculos.... ahi houve um senhor, e ahi houve um escravo.

Ahi um povo humilhado no eterno campo de batalha da natureza derrama o seu sangue, não para o progresso do individuo, mas para o engrandecimento geral ficticio, amontoado em um ponto, como montanha de ouro erguida para o prazer dos olhos, immutavel, soldada em sua raiz de granito, affrontando as lagrimas e os seculos, com a mesma mudez orgulhosa, com a mesma magestade indifferente.

Sim! aquillo era bello: mas quem sente o verme da fome a devorar-lhe as entranhas, trabalha, e não pousa a admirar o bello. O cego não póde ver os restos monumentaes do Cinzel de Apolonio: o grupo de Athenodoro, Agisandro, e Polidoro é pedra bruta ao seu tacto. A ignorancia é a cegueira do espirito. Sei que é isto deixa velha de antigos pensadores; aproveito a herança: é uma verdade de cabellos brancos: tanto melhor para ser respeitada.

Já não vistes mais de um povo adormecido entre brilhantes ruinas? Balbek — esse sonho oriental fixado em soberbissima cantaria — lá

está no deserto da Asia, como um dedo gigante apontando para o tumulto de uma nação sem historia.

Os reinos da peninsula iberica, depois de haverem metamorphoseado em colossos admiraveis, annos, temeridades, esforços, e fortuna de muitos imperios, cahiam em tão fundo somno, que só o estrondar de novas ideias podia despertal-os, lançal-os em nova carreira, dar-lhes autonomia, e segurar-lhes na geographia politica o seu ponto, que vacillava, e desaparecia.

O progresso moral dos povos deve acompanhar o progresso material; o disequilibrio delle é sempre fatal: aniquila-o, mata-o, por falta de harmonia e proporções. Vede no homem isolado, como o está ensinando a natureza: a par do desenvolvimento do corpo o desenvolvimento do espirito.

XIV.

Será a sociedade moderna, como Galilleu, que de joelhos abjurava a verdade, e baixinho ouviam-no dizer: E pur se muove? Porque não diremos alto o que pensamos ser a verdade? E' certo, que hoje não ha o ferro em braza, a tenaz, o eculeo, a fogueira, a marmorra humida na entranha da terra. Mas ha alguma cousa, que procura supprir tudo isto, que póde queimar, morder, apertar, cinerear, feixar-se sobre o desgraçado, e redusir-lhe o passado á loucura, o futuro á utopia,

Onde existe?

Procurai-o em torno de vós: aqui e ali: longe e perto, aos quatro ventos, e vós heis de encontral-o por toda a parte.

Como se chama? — Mentira.

Porque vence ella tantas vezes? porque a fraqueza em falta de vigor tem a agilidade. Dissemos já um dia, é difficiloso ás vezes discriminar o parecer dessas duas irmãs gêmeas, que passeam o mundo arrastando os mesmos vestidos, trazendo na frente o mesmo raio de intelligencia, nos olhos o mesmo scintillar de convicção, no labio o mesmo estrondo de eloquencia: a verdade e a mentira.

A ignorancia, a prevenção, a má fé podem esconder-se no seio das mesmas palavras, dos que clamam, como Erostrato: *a verdade é filha do ceu*: e são falsos prophetas.

O que é um templo, que cahe, quando um homem se levanta?

XV.

Um só o erguido, milhões, que custasse o monumento; sublime, que fósse o artefacto, valia a pena, que o facho de Erostrato passasse por lá: das cinzas se erguesse um homem illuminado, e batendo azas candidas de anjo para Deus!

Ou eu me illudo muito, ou esta é a doutrina do Golgotha.
Jesus não morreu pelo templo : morreu pelo homem.

XVI.

A estrada de ferro leva luz subitamente da periphéria ao centro : reúne os povos : dá ao governo e á justiça unidade de acção ; e faz o povo tomar conhecimento exacto de quem o governa, e como o governa : regularisa o commercio : favorece o desenvolvimento da industria : produz ou augmenta a riqueza, encurta o tempo e o espaço ; arranca o homem da escravidão da gleba e da terra, dá-o á liberdade, desperta-o a luz da intelligencia, despensa-lhe tempo para cultivar artes e sciencias, e desprende o da ignorancia, que é a creadora do fanatismo, do prejuizo, da escravidão, do assassinato, do latrocínio, do perjurio, da concuspicencia, do infanticidio, de tudo, que degrada o homem, que o enerva, que o cega, que o infama, que o pollue, que o olivela á bestafera, e que crea o grilhão e o carcere, o cadafalso e o carrasco, o soldado e a espada.

O homem, que é um templo vivo, na expressão do bispo de Winchester, abre o seu seio ás festas da civilisação, que lhe bate ás portas : e novos pensamentos, que acordam, ardem como novas luzes em novos altares, povoam o coração de gratas imagens, de esperançosos futuros, de visões promettedoras, e enchendo de arruido desconhecido a alma do neophyto da civilisação, procuram o ceu nas azas brancas, em que se equilibram.

A phalange algente espera-os um dia ás portas da Sion eterna.

Um templo, que rue, ao embate de um trilho de ferro ; milhões de templos vivos libram-se, e vestem-se de galla. O homem é o melhor templo de Deus. O seu engrandecimento é uma obra agradavel ao Evangelho.

XVII.

Os milagres de James What, Fulton, Roberto Stephsou, tem feito mais bem ao christianismo, e salvado mais almas, que muitas encyclicas, e muitos sermonarios.

Homens ignorantes, homens que viveis na miseria, no grabato infecto, no palhal humido e febril, que emendaes noutes e dias no desespero, que molhaes vossos dias, que se apagam nas lagrimas, como o pavio da lampada, mergulhada no oleo, que a devia sustentar, e não affogal-o em seu seio ; — que vedes vossos filhos morrerem de fome, e intoxicados de subtis emanações; e vossa mulher desbotar, como rosa perdida em pantanos, sem graças, sem perfumes, sem encantos; que sois a feze social, que daes braço para lavrar o campo, braço para conduzir o navio, braço para carregar a espada, que tem de sustentar, conduzir, deffender aquelles, que vos roubam tudo... tempo, espaço,

liberdade, sem vos enriquecer com um só obulo; quando um templo desaba, e transforma-se em via ferrea, toda aquella poeira, todas aquellas pedras, que se amontoam, se entrechocam, e se confundem, aquellas traves, aquelle columnellos, aquella mole immensa derocada... tudo aquillo vai transformar-se em ouro para vós.

Esperai um momento. Ouvis um prolongado sibillamento? E' o bater das azas da nova pomba, que traz atravessada no bico o ramo de oliveira. Andaveis perdidos em mar infindo de trevas: ides pôr pé em terra. Ouvis mais proximo e mais constante o pesado ruido? — Ouvis resfolegar o monstro? — E' a locomotiva, que se appproxima. Vem arrancar-vos do grabato, enriquecer-vos a familia, esclarecer-vos a intelligencia, fazer-vos ver a face boa de Deus, e amal-o em sua providencia,

XVIII.

Se me enebrio por este magnifico agente, se me esqueço a entusiasmar-me por elle, é porque reconheço, com Luiz Figuier, que é elle um dos mais poderosos e efficazes meios de civilisação e progresso.

Glorioso o paiz, a que coube uma tal descoberta, e ainda mais glorioso, o que soube achal-a e fazer della o pedestal de sua immortalidade: como o sabio Thenard honrando a Davy, dizia algures para um dos seus amigos; direi aos que não sentirem a mesma emoção — alma fria e indifferente, que não te entusiasmas pela gloria, não sentirás nunca o fogo sagrado da sciencia! —

Walter Scott fazendo o elogio de What, dizia na sua linguagem pictoresca e brilhante, que tinha elle descoberto o meio de multiplicar os recursos de sua nação em um grau talvez superior ao seu proprio estupendo poder de calculo e combinação, arrancando thesouros dos abismos da terra, dando ao fraco braço do homem a força de um Afrite, mandando as manufacturas nascerem, como a vara do propheta desentranhou agua no deserto: produzindo os meios de despensar tempo e maré, que não esperam submissamente pelo homem, e navegar sem a ajuda d'aquelle vento, que desafiou a authoridade e as ameaças do proprio Xerxes. »

Um povo, é verdade não é grande sómente por suas riquezas: mas são ellas as preparadoras do seu porvir illustre, a creadora de tudo que póde tornar distincta uma nação; ou melhor seria dizer, que a riqueza de um povo, é o resultado de sua sciencia, de sua industria, a sciencia applicada, do seu commercio o resultado da industria, da sua navegação o resultado do seu commercio, de suas artes o resultado de sua riqueza. Tudo isto marcha ao mesmo tempo, entrechocando-se, aperfeiçoando-se mutuamente, confundindo-se, excitando-se, impellindo-se ao resultado final.

Cada seculo, cada anno, cada dia tem sua parte de trabalho, sua parte de triumpho, sua parte de gloria. A humanidade é solidaria. Uma pagina de historia tem o brilho de Homero, outra o brilho de Fulton : uma tem o brilho de Gutemberg, outra o de Colombo. Dizem, que Philacio, sabio atheniense, foi digno de uma estatua, por ter descoberto uma colla para grudar as folhas dos livros. Uma descoberta pequenina ensina o caminho de outra maior. Quando Copernico erra, ensina a Galileu a verdade. Os grandes nomes, que illuminam subitamente a historia fazem crer na providencia de Deus : os rapidos impulsos, com que é por vezes lançada a humanidade na carreira do progresso, fazem crer no amor, que tem elle á sua obra prima, aonde se consubstanciou e se resumiu tudo o que ha de grande, magnifico, e bello na natureza, e essa marcha, que nos leva incessantemente a um futuro desconhecido, porém grandioso, fazem crer no infinito, e na magnitude de seu destino.

XIX.

Em cada victoria destas a democracia dá um passo avante : a sociedade estremece como um chão volcanico, a cada movimento de Encelado. Mas a cratera não escancarou ainda a bocca chammejante e fumarenta.

A cinza que transborda dessas tempestades subterraneas, encandescente destroe : esfriada enriquece a terra, e as collinas toucam-se do verde manto das primaveras cheirosas.

XX.

A intelligencia, mesmo desvairada, só serve a causa da verdade : uma descoberta, um passo dado para a luz, uma conquista por pequena que seja sobre a natureza, uma palavra solta ao vento, que passa, incendeia o, e os clarões do subito incendio projectam-se sobre a estrada dos seculos : as gerações vão passando illuminadas desses raios, que jorram da bocca da sombra ; porque a sombra dá luz, como o rochedo dá agua.

Nosce te ipsum : diz Socrates, proclamado pelo oraculo de Delphos o mais sabio dos homens : *Homo sum* : responde Home ; *Eu penso*, replica Descartes. A treva oscilla, e a prepotencia envesgando os olhos espuma e ruge no fundo do barathro. A humanidade ergue a fronte ennobrecida, e as estrellas encontrando-a face a face, banham-na de seus molles e cambiantes reflexos. Aristophanes profligava os deuses nos scenarios da Grecia, e misturando-os com os homens, os apresentava aos apodos de uma assembléa, que ria de si mesmo. Voltaire, que tinha conhecido as amarguras do ostracismo ou da prisão, como Platão, como Galileu, como Colombo, como Cervantes, como Aliegheri, como Tasso, como Camões, como Bacon, como Lammenais, como Mirabeau,

como todos os grandes servidores da humanidade, e que trazem em si a revolta, e que têm palavras armadas, que valem exercitos aguerridos, que abalam a sociedade, como o ariete a muralha.... Voltaire ia destruindo tudo, como a charrua que passa por um campo laborando a terra, que deve ser rica e pingue sementeira. Rousseau deitava grãos as mãos cheias pelo arneiro debastado. 89, surgiu.

Como todas as cousas humanas a realização das ideias estão longe de ser, como os philosophos a pensam, e a querem. O passado vem disfarçado em paixão, em fanatismo, em orgulho, em vingança, em odio, e mescla as suas tenebrosas mãos na obra, e a pollúe e a degrada.

Mas não a verdade.

A verdade é chamma e luz: devora todas as impurezas, sem perder o seu brilho. E' por isso, que essa epocha é grande: é pelo que tem de verdade: não pelo que tem de horrores e crimes: Como a epocha do Golgotha, a revolução de Christo foi grande e fecunda, não pelo sangue que lhe derramaram, mas pela verdade e pela doutrina, que a illuminou.

Morre Orpheu, como diz o novo evangelista do progresso, as Menades dispersam ao longe os pedaços do seu cadaver.

Sua cabeça levada na corrente dos tempos murmura uma palavra eterna.

XXI.

Ha luta ainda. — E' o passado julgado e condemnado, que levanta as mãos ao ar, e o fere com golpes vãos e desapiedados. A guerra leva paiz contra paiz, povo contra povo, irmãos contra irmãos, nesses duellos gigantes, em que o direito póde ser assassinado, e o triumpho ephemero coroar com suas palmas sanguinolentas a força material e vã, como a da pedra, que sahe do seu alveolo para rolar pela encosta da montanha, esmagar arbustos, derrancar arvores, e precipitar-se, e jaser immovel no fundo dos abismos por seculos.

Todas as desgraças que a guerra alimenta em seu casco de muralhas, que lhe cobre a frente esfumaçada, e descarrega sobre a humanidade, vem ainda do passado. Amaldiçoemos o dia de hontem, que quer matar o de amanhã, como diz algures o formidavel poeta: respeittemol-o e amemol-o, como um progresso conseguido, e como termo de evolução de um novo progresso.

XXII.

Um seculo aos hombros de outro seculo vê muito longe: e lembrome ter lido em Goethe, que mesmo um anão as costas de um gigante, vê mais longe, que o gigante.

A humanidade não rola o rochedo de Sisyphe, nem enche o tonel

das Dainades. Deus fez o homem para experimentar-lhe a paciência, se é que o omnisciente precisa de experimentar, mas certo não o fez para zombar delle.

Gutemberg achou o fio de Ariadne: podemos lançar-nos sem susto no abismo do desconhecido. Os meandros serão revelados. Cada parcella de conhecimento adquirido, não é possível mais o perdê-la: tanto valia, na fraze do publicista, recolher gotta e gotta o oceano.

As vezes a historia da humanidade obscurece-se. Factos imprevisitos vêm abalar nossas convicções, e fazer-nos descrer do homem e do progresso.... Vêm: mas não pôdem. — Lutam: mas não conseguem.

Assim por vezes o artista divino lança sobre a tella tinctas, que parecem manchal-a, e perdê-la, e das quaes Miguel Angelo ou Raphael faz surgir inopinadamente a obra do genio, a maravilha da arte, o esforço supremo da belleza typica.

Assim por vezes o rochedo esmagado aos golpes do ferro do rude operario, ergue-se figura grandiosa ao scopro de Canova.

Ha quem considere o homem incapaz de um grande progresso, de um progresso indefinido. Esses não crêm em Deus, nem crêm em si mesmo. Renegam do estatuario, e da estatua. Julgam, que a obra é só de argilla: sujeitam tudo as leis da chimica e da phisica eterna: não crêm no sópro da lenda: são os utopistas do passado.

A' utopia do passado, eu prefiro a' do futuro.

XXIII.

Pequenos modêlos dos instrumentos, que a sciencia tem dado ao homem e com que o homem tem atado ao seu carro triumphal submissa a natureza, encontrareis no vasto estabelecimento de optica do Sr. José Maria dos Reis.

Elle faz bem em ter padastros variados e por modicos preços, das armas, com que os apostolos modernos ganham terrêno para a civilisação da humanidade.

E' bom espalha-los por toda parte: é bello, que todos conheçam os instrumentos da redempção do trabalho; será sublime, que todos aprendam a utiliza-los. —

XXIV.

O estabelecimento de optica e instrumentos scientificos do Sr. Reis sufficientemente conhecido no imperio, e na Europa, pelo valor, e importante consumo que faz de instrumentos, pela rica variedade delles e pelo avultado cabedal empregado em tal ramo de negocio, despertou seriamente a attenção de todos com o bellissimo e primoroso artefacto sahido de suas officinas de ourivesaria, e offerecido ao Imperador, e que figurou brilhantemente na exposição nacional, e conquistou a attenção entre os productos do mesmo genero apresentado á

exposição de Londres de 1862. Notaram-se também várias lunetas simples, e com modificações de gosto apurado, e alguns instrumentos de engenharia, que os entendidos julgaram não inferiores aos importados.

Este estabelecimento de utilidade real para o paiz, por isso que os homens das sciencias encontram á mão, e onde escolher os instrumentos de que necessitam para um caso dado, e para substituir um, que qualquer manobra inutiliza, não têm sido todavia attentamente cuidado pelo governo do paiz.

Uma supposta carestia tem affastado para as capitaes da Europa muitas receitas para o serviço do estado sem menor vantagem em preço, e com grande desserviço á nação.

O grande consumo, que faz o estabelecimento, consumo constante de mezes, de annos ás fabricas da Europa, tem naturalmente trazido, como consequencia da boa freguezia, a baixa dos preços dos instrumentos em geral, o que não pôde acontecer para o que uma ou outra vez vai á fabrica comprar um ou outro instrumento.

Mas elevado ainda o preço dos instrumentos pelo seguro encaixotamento, pelas peças de vidro em duplicata, por cauza das que se quebram, com o manejar das caixas, frete, direitos, captazias, carretos, demora no estabelecimento, ainda assim o governo não compra com muita vantagem nas officinas e estabelecimentos da Europa, para preterir o nacional. Basta uma só peça de vidro, que se quebre, um parafuso, que se entorte, durante o trajecto, para ou o instrumento ficar inutilizado; ou seu concerto elevar immediatamente o custo de muito, do que elle poderia custar aqui, sem essas eventualidades:

Conservar um arsenal de instrumentos scientificos, como um foco de luz, no coração do imperio: ter para o chimico, para o phisico, para o engenheiro, para o astronomico, para todos que preeizam das armas com que Galileu, Newton, Herselle, Arago, tem avassalado a natureza penetrando os seus misterios, e dilatado o campo dos conhecimentos humanos, é um verdadeiro serviço ao paiz.

A mocidade, que ensaia as suas primeiras armas, deve agradecer a fortuna, o encontra-lo tão perto de si.

(Continúa.)

DR. LUIZ DELFINO.

A ABELHA,

—
Garde-toi d'avouer, pour l'honneur de ton nom,
Qu'un aussi long opprobre a souillé ta maison.

BOILEAU.

—
A tímida abelha fugiu da colmeia,
Sedenta de goso, no prado voou ;
D'um cardo attrahida, vacilla, rodeia,
Descendo... subindo.... lá cede.... pousou !..

Pousou... ficou presa ;—se o cardo a affagava
Com falsos carinhos, fingindo-se flôr,
A louca da abelha mais firme pousava,
Tomando as astucias por mimos d'amor !..

Teimosa, atrevida, picou-se... coitada!...
Mas era baldado fallar-lhe em fugir ;
Chorando a loucura, de mágoa ralada,
Julgou-se no abysmo, ficou... deixou-se ir !...

As outras abelhas, por ella soffrendo,
Chamavam... pediam... chamavam... em vão ;
Soffria os tormentos, mas ia vivendo
Na planta pendida, já perto do chão.

Nas forças alheias salvá-a não cabe ;
Ninguem a insistencia lhe póde entender....
Mysterios d'abelhas !... Mysterios... quem sabe
Se espinhos do cardo lhe davam praser ? !...

Levantam-se os ventos, o ceo já negreja,
Trovão furibundo no valle estalou ;
E o raio, que desce, tão perto rasteja,
Que em poucos momentos... o cardo tombou !...

Quem sabe se a abelha, chupando outras flôres,
Trasia venenos filtrados em si,
E o plano assentava de novos amores
No putrido cardo, vasando-os ali !...

Liberta de espinhos, um pallido lirio
Que a triste só vira nutrir-se de fel,
Doendo-lhe angustias d'alheio martyrio,
Lá foi, compassivo, levar-lhe o seu mel !...

E a abelha, sequiosa de nectar tão vivo,
Do cardo esquecida, sorveu quanto quiz....
Que o pobre do lirio, da abelha captivo,
Lhe dava os perfumes, e a flôr, e a raiz.

E a ingrata, bem cheia, cedendo ao destino,
Correndo outros campos, jurou de voltar ;
Quem sabe se dentro no peito ferino
Traição impiedosa sentia brotar !.

E a abelha, já mestra, dos fados isenta,
Que outr'ora culparam do mal que ella fez,
Captiva do vicio, de goso sedenta,
Pousou n'outro cardo... prendeu-se outra vez!

O lirio era roxo, não era dourado,
E o cardo, côr d'ouro, na côr a prendeu ;
E o pobre do lirio, que o soube, coitado !...
Pendeu, desbotou-se, murchou, feneceu !

Não pensa a perversa que Deus a fulmina,
 Que o brando socego d'íng ratos não é
 —Mas cedo veremos a abelha assassina
 Morrer esmagada debaixo d'um pé!...

M. REIS FOJO SEABRA.

SINHÁ.

O teu nome é como o oleo derramado.
 SALOMÃO. — *Cant. dos Cant.*

Nem o perfume que espira
 A flor, pela tarde amena;
 Nem a nota que suspira
 Canto de saudade e pena
 Nas brandas cordas da lyra;
 Nem o murmurio da vela
 Que abriu sulco pelo chão,
 Entre margens de alva arêa,
 E onde se mira e recreia
 Rosa fechada em botão;

Nem o arrulho enternecido
 Das pombas, nem do arvoredos
 Esse amoroso arruido,
 Quando escuta algum segredo
 Pela brisa repetido;
 Nem esta saudade pura
 Do canto do sabiá
 Escondido na espessura,
 Nada respira doçura
 Como o teu nome, Sinhá!

1862 — MACHADO DE ASSIS.

DINHEIRO !

(Continuação do n.º 13.)

LXXXIV.

Estranho que o congresso *visitava*,
Por sordida ambição logo *accendido*,
Os socios enganar *determinava*
De modo que não fosse *apercebido* ;
Mas toda a sucia hostil *se concertava*
Como se fosse o engano já sabido ;
E reinando esta moda *facilmente*,
Brilha o que mais astuto rouba, e mente.

LXXXV.

Declara-se um traidor á sua *terra*,
Porque o dinheiro vem, que é *necessario* :
Este, contra seu pae *promove a guerra*,
Aquelle, aos proprios filhos é *contrario* :
Entendem por fim, todos, que não *erra*
O que tem o dever por *aversario* ;
Nem o progresso caminhar *podia*
Quando as *peias da honra ao pé trazia*.

LXXXVI.

No palacio, na choça e até na *praia*,
Vem pelo roubo a cousa *desejada* ;
Emprega-se o arcabuz, como a *azagaia*,
Bacamarte, pistola e *setta hervada* ;
Nem se espera que a gente á rua *saia* ;
Que lá mesmo vai ter negra *citada*,
E quando mais esperto algum se *faça*,
Se por força não cae, cae por *negaça*.

LXXXVII.

Vedes esses na praia, alva, *arenosa*,
 Brandos, aos navegantes *acenando*,
 Que do mar sobre a furia *perigosa*
 A amigavel junção vão *incitando*?
 — Duvidai da apparencia *generosa*
 Que os homens neste mundo vão *mostrando*:
 Bom olho todos tem, pé *tam ligeiro*,
 Que nenhum dizer pode que he *primeiro*.

LXXXVIII.

Engana a falsa amada o terno *amante*,
 Se a riqueza que tem é *desejada*,
 E outra riqueza igual se põe *diante*
 Com metalico som que ao longe *brada*:
 Fogem brio e pudôr em curto *instante*,
 Que a perdida mulher, fronte *inclinada*,
 Ouro, e mais ouro quer, *os olhos cerra*,
 E do amante a illusão lança por *terra*.

LXXXIX

Debalde o pae, da campa se *levanta*,
 Mata-o, de novo, do ouro a *artilheria*;
 Debalde o diabo, de terror, se *espanta*,
 E da infame aos ouvidos *assovia*:
 A jura sobre as cinzas já *quebranta*,
 Nem o sangue o remorso lhe *resfria*:
 Da fera o coração não é *medroso*,
 E vae avante o plano *aventuroso*.

LXL.

Surja, embora, da lingua *portugueza*
 Vocabulario atroz, que fere e *mata*;
 Não pretende a perjura achar *defesa*,
 Nem seu aureo valor se *desbarata*;
 Mas ditosa não é, que já lhe *pesa*
 Ter-se vendido cedo, e tão *barata*,
 A'quelle que inda ha pouco *maldizia*;
 — Que outro, mais rico, outra ambição lhe *cria*!....

LXLI.

Do dote que o tentara, vae *tirando*
 O marido, que ao fim corre *apressado*,
 Dinheiro, e mais dinheiro, *arremessando*,
 Na furia de gastar, *desatinado* ;
 E a comprada mulher *desamparando*,
 Sem ser pelo remorso *amedrontado*,
 A's que na rua comprá, offerta o *braço*,
 Deixando livre á sua igual *espaço*.

LXLII.

Ella, que as vê de sedas *carregadas*,
 Em sedas procurar é *diligente*,
 E mais tarde, uma e outras, *encurvadas*
 Pelo vicio, já vivem *junctamente*,
 E por doiradas balas *bombardadas*
 São fracas quanto é forte a rica *gente* :
 — Por isso o povo crê que Deus *castiga*
 A vil *malicia*, *perfida*, *inimiga*.

LXLIII.

Do ceo lá vem, depois, a mão *armada*
 A ligação cortar, que estava *presa* ;
 Ella cae, de remorsos *aguada*,
 Elle chora o seu mal, mas sem *defesa* ;
 Ella do amante a imagem vê *magoada*,
 Elle, pobre, alimenta a raiva *accesa*,
 E ao inferno lá vão, que o negro *dano*
 Foi nos dous ambição, não foi *engano*.

(Continúa.)

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1863.

O maviioso Petrarcha da Villa Rica deixou uma vez as lyras apaixonadas, com que honrava a amante do seu coração, para tomær a chibata da satyra, e com ella sacudir a toga respeitada do governador de Minas.

O que era um governo no tempo de el-rei nosso senhor, de que poderes discrisionarios se revestia o representante da soberania da corõa, é cousa por demais sabida.

O de Minas estava naquelle tempo nas mãos de D. Luiz de Menezes. Gonzaga vio quantos perigos lhe estavam iminentes se atacasse face a face com o colosso do poder ; mas a vida e a administração do governador estavam pedindo um protesto da sua musa. Resolveu escrever a parte anedoctica do do governo de Minas em cartas que intitulava *Cartas Chilenas* e que resavam de um governador do Chile. Com esse disfarce pôde salvar-se e mandar á posteridade mui presiosos documentos.

Ao Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga se deve a exhumação das *Cartas Chilenas*, mal e insufficientemente conhecidas, e que o digno brasileiro tirou da bibliotheca de seu pae para as pôr completas na bibliotheca da nação.

Este serviço ás letras e á historia dá-lhe pleno direito de alliar seu nome ao de uma tão importante obra. Se em vez de ir parar ás suas mãos inteligentes e desvelladas, os manuscriptos das *Cartas Chilenas* cahissem na posse de alguns indifferentes, certo que não teriamos hoje esses documentos, de cuja importancia o Sr. Dr. Veiga se acha plenamente convencido.

Embora publicadas umas nove cartas em uma gazeta antiga, o facto de serem ellas *trese* torna esta edição que as traz completas, digna do interesse que despertou nos que estimam as cousas patrias.

Que esses animem e auxiliem o Sr. Dr. Veiga na investigações dos preciosos documentos de que diz estar cheia a sua bibliotheca. Se para os *eplucheurs* de obras futais fôr serviço esse de mediocre valor e nullo interesse, certo que o não é para a gente seria, isto é, a competente para julgar de taes cousas.

Outra publicação da quinzena digna de attenção pelo que encerra, posto que censuravel pelo que não encerra, é o XI volume da *Bibliotheca Brasileira* que se intitula : — *Apontamentos historicos, topographos e descriptivos da cidade do Paranaguá*, pelo Sr. Demetrio Acacio Fernandes da Cruz.

Abstendo-se inteiramente de consideração detidas e observações mais profundas, o autor, dá numerosa noticia de tudo quanto pôde fazer conhecer a cidade do Paranaguá sob o triplice ponto de vista indicado pelo titulo.

Tudo, fundação, descripção topographica e hydrographica, zoologia, mineralogia, industria, população, tudo enfim quanto póde dar um conhecimento exacto da cidade de Paranaguá acha-se naquello livro.

Attendendo sobretudo á aridez do trabalho, deve-se agradecer-o ao autor, e dar como um exemplo a outros trabalhadores que façam o mesmo a respeito de todos os recantos do imperio.

Fecha a lista das publicações, na ordem chronologica, o primeiro volume do *Calabar*, romance do Sr. Mendes Leal, que está sendo publicado no *Correio Mercantil*.

Não me proponho a avaliar, por incompetencia e por inoportunidade, visto que a obra não está concluida, o alcance e a verdade historica desta novella; o que desde já posso deixar affirmado, embora não seja novidade, é que essas paginas consagradas pelo illustre autor da *Herança de Chancellor*, a um periodo importante da historia brasileira, são escriptos com aquelle vigor e colorido, attributos da sua penna e por tantas paginas derramados.

A redacção do *Correio Mercantil* não póde receber senão muitos emoras pela publicação do *Calabar*.

Vai-me faltando espaço e eu devo fallar ainda de uma nova peça representada no Gymnasio Dramatico. *A Ninhada de meu sogro*, intitula-se ella; é dividida em 3 actos, e paraphraseada do francez pelo Sr. Dr. Augusto de Castro.

A modestia e o receio do seu autor, que nem ousou chamar-lhe comedia, tiram-me o cabimento de uma severa critica. Sem outra pretensão mais do que fazer rir, o Sr. Dr. A. de Castro, paraphraseou o original francez, procurando dar as nuanças necessarias á nova peça cuja acção faz passar na sociedade brasileira.

Não entro na investigação do gráo e da medida em que o autor se affastou ou approximou do original; é claro que as allusões locais não constituem côres locais, e o que ouvi na representação da *Ninhada de meu sogro*, não me dá noticia perfeita da parte tomada ou deixada á comedia franceza, que eu nem conheço.

O que importa, porém, desde já para mim, é a menção de uma convicção que tenho de ha muito e que desejára fosse compartida geralmente. Tenho esses trabalhos de imitação por inglorios. O que se procura no autor dramatico é, além das suas qualidades de observação, o gráo de seu genio inventivo; as imitações não podem offerecer campo a esse estudo, e tal inconveniente é altamente nocivo ao escriptor, sendo immensamente prejudicial á litteratura.

Esta convicção, se influe no meu julgamento da peça, não influe no juizo que eu possa fazer do autor. Quero crér que, por uma lealdade litteraria que lhe é imposta, a trasladação do assumpto da comedia franceza, fosse feita na medida conveniente ás suas vistas de autor dramatico; e creio, porque ouvi, que ha na sua comedia pedaços de merecimento.

MACHADO DE ASSIS.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

COLLABORADO POR VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afiança se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

Condições da assignatura.

Para a Córte 15\$000 — Para fóra da Córte e Provincias 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.
Cunha Irmãos & Comp.
Luiz Augusto de Oliveira
Joaquim Baptista Moreira
Silva & Costa
Francisco Luiz Ribeiro
Joaquim Alves Leite
J. J. de S. Ayram Martins
Felizardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guimarães.
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novaes.

Bahia.
Pernambuco.
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras.